



**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIÃO DE GOYAZES –
UNIGOYAZESCURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL**

**A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO NO TRATAMENTO DA TERAPIA
OCUPACIONAL EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA**

**Priscilla Gomes de Melo
Rosângela das Graças Borges**

Orientadora: Prof^a Bianca Estrozi

Trindade-GO
2022

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIÃO DE GOYAZES –
UNIGOYAZESCURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL**

**A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO NO TRATAMENTO DA TERAPIA
OCUPACIONAL EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA**

**Priscilla Gomes de Melo
Rosângela das Graças Borges**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário
União de Goyazes – UniGoyazes, como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharelem Terapia Ocupacional.**

Trindade-GO

2022

Priscilla Gomes de Melo
Rosângela das Graças Borges

**A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO NO TRATAMENTO DA TERAPIA
OCUPACIONAL EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE ESPECTRO
AUTISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário
União de Goyazes – UniGoyazes, como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Terapia Ocupacional.

Prof.^a Esp. Bianca Estrozi
Professora Interna

Prof.^a Esp. Elcy Lavor Pereira
Membro Interno UniGoyazes

Esp. Nara Daniele de Paula e Silva Saboya
Membro Externo

Trindade – GO
14 /12/ 2022

DEDICATÓRIA

À Josué, meu primeiro paciente autista na clínica escola da universidade.
Um príncipe lindo que com sua luz me mostrou o amor na forma de espectro,
Me fazendo descobrir o dom que Deus me deu, para contribuir com o desenvolvimento
destas crianças, com todo meu afeto, minha dedicação e gratidão... Dedico.

(Priscilla Gomes de Melo)

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades e permitir que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

À minha querida mamãe, obrigado pelo apoio, carinho, amor e compreensão, sem a senhora nada disto seria possível.

Aos meus maiores tesouros, Álvaro e Heitor, filhos amados e esposo, o meu obrigado pelo apoio e sorrisos que iluminaram os meus dias. Por sempre me apoiarem e me incentivarem em tudo na minha vida, mas principalmente em meus estudos, serei eternamente grata por tudo que fizeram e fazem por mim e pelo que representam na minha vida, essa homenagem é muito pequena perto do amor que sinto por vocês.

A todos que, direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, minha GRATIDÃO!!!

(Rosângela das Graças Borges)

A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO NO TRATAMENTO DA TERAPIA OCUPACIONAL EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA

Priscilla Gomes de Melo¹; Rosângela das Graças Borges¹; Bianca Estrozi²

RESUMO

INTRODUÇÃO: O transtorno do espectro autista é uma condição relacionada ao neurodesenvolvimento caracterizada entre outros por comprometimento na comunicação, dificuldade na interação social, atividades restritas e repetição. A Terapia Ocupacional é uma das possibilidades que se mostra promissora nesse cenário, percebendo e identificando carências e aquisições, construindo ações em conjunto para melhor adaptação e conseqüentemente, desenvolvimento da criança, tendo na relação terapeuta-paciente o objetivo de criação de vínculo, fator fundamental para evolução do tratamento. Por toda história da Terapia Ocupacional é reforçado e enfatizado o papel e o proveito da relação terapêutica em suas práticas. A relação terapeuta-paciente tem para a Terapia Ocupacional contemporânea um lugar de renovação de gestos, ações e sentidos, um lugar de reflexão. **OBJETIVOS:** O presente estudo apresenta a importância da relação e do vínculo entre terapeuta ocupacional e crianças com transtorno do espectro autista ao longo do tratamento. **METODOLOGIA:** Na realização do presente estudo foi abordada uma Revisão de Literatura, de abordagem qualitativa dos dados. Para efetivação das buscas as bases de dados Google Acadêmico, Scielo, o portal Capes, bem como consultas diretas nos periódicos: Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional e Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional. **RESULTADOS:** Os artigos selecionados para a presente pesquisa corroboram que o vínculo tem papel relevante na relação terapeuta-paciente sendo fator fundamental para qualidade e desenvolvimento do atendimento em crianças com transtorno do espectro autista. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Ao final da pesquisa observou-se que as práticas e a atuação do profissional de terapia ocupacional na reabilitação de pessoas autistas ocorrem a partir de intervenções, com o intuito de aprimorar o desempenho ocupacional em todas as áreas de vida. O foco dessa revisão foi uma pesquisa criteriosa do que está sendo produzido e publicado na literatura acerca da prática e estudos de Terapeutas Ocupacionais junto a crianças com autismo. Os resultados encontrados sugerem que as publicações sobre a temática estão em crescimento, portanto, aponta-se para a necessidade de continuidade de esforços no sentido de sistematizar e pesquisar sobre a temática.

Palavras- chave: Autismo; Relação; Terapeuta Ocupacional; Vínculo.

¹ Acadêmicas do Curso de Terapia Ocupacional do Centro Universitário União de Goyazes – UniGoyazes

² Orientadora: Prof^a. Especialista do Centro Universitário União de Goyazes – UniGoyazes.

THE IMPORTANCE OF BONDING IN THE TREATMENT OF OCCUPATIONAL THERAPY IN CHILDREN WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER

Priscilla Gomes de Melo¹; Rosângela das Graças Borges¹; Bianca Estrozi²

ABSTRACT

INTRODUCTION: Autism spectrum disorder is a neurodevelopmental condition characterized among others by impaired communication, difficulty in social interaction, restricted activities and repetition. Occupational Therapy is one of the possibilities that shows promise in this scenario, realizing and identifying needs and acquisitions, building actions together for better adaptation and, consequently, child development, having in the therapist-patient relationship the objective of creating a bond, a fundamental factor for treatment evolution. Throughout the history of Occupational Therapy, the role and benefit of the therapeutic relationship in its practices is reinforced and emphasized. The therapist-patient relationship has for contemporary Occupational Therapy a place for renewing gestures, actions and senses, a place for reflection. **OBJECTIVES:** The present study presents the importance of the relationship and the bond between occupational therapist and children with autistic spectrum disorder throughout treatment. **METHODOLOGY:** In carrying out the present study, a Literature Review was approached, with a qualitative approach to the data. To carry out the searches, the Google Scholar databases, Scielo, the Capes portal, as well as direct consultations in the journals: Journal of Occupational Therapy of the University of São Paulo, Brazilian Journal of Occupational Therapy and Brazilian Interinstitutional Journal of Occupational Therapy. **RESULTS:** The articles selected for the present research corroborate that the bond plays a relevant role in the therapist-patient relationship, being a fundamental factor for the quality and development of care in children with autistic spectrum disorder. **FINAL CONSIDERATIONS:** At the end of the research, it was observed that the practices and performance of the occupational therapy professional in the rehabilitation of autistic people occur from interventions, with the aim of improving occupational performance in all areas of life. The focus of this review was a careful research of what is being produced and published in the literature about the practice and studies of Occupational Therapists with children with autism. The results found suggest that publications on the subject are growing, therefore, it is necessary to continue efforts to systematize and research the subject.

Keywords: Autism; Relationship; Occupational Therapist; Bond.

INTRODUÇÃO

Para a Terapia Ocupacional a relação terapêutica sempre foi evidenciada ao longo de sua história (OLIVEIRA, 2013). Na formação do terapeuta ocupacional, estudos, discussões, observações, vivências e práticas formam camadas de consistência, construindo atitudes, preparando para um encontro consciente e responsável entre alguém que vai optando e se abrindo para receber e acolher de uma maneira especial e singular um outro alguém que traz em sua história, intensidades, rupturas, demandas ou ausência de demandas, que muitas vezes não temos como saber se estamos preparados para acolher.

A relação terapeuta-paciente tem, para a terapia ocupacional contemporânea, um lugar de renovação de gestos, ações e sentidos, um lugar de reflexão. No encontro entre terapeutas e pacientes ocorre a tessitura das práticas, das propostas de tratamento, do exercício da terapia ocupacional. . Na atividade profissional esta responsabilidade pelo outro é estruturada continuamente, de forma dinâmica, a cada encontro com a população atendida (CASTRO, 2007).

Para nos amparar nesta discussão faz-se necessário introduzirmos a noção de vínculo terapêutico. De acordo com Cunha et. al. (2009), a palavra vínculo tem origem do latim vinculum (atar) e significa uma união entre “eu” e o outro, ligação de uma pessoa ou coisa com outra, estabelecida sempre a partir das singularidades envolvidas. Considerar sua psicodinâmica é de grande importância para a evolução do processo terapêutico, no qual o indivíduo deve ser visto de forma holística.

O Terapeuta Ocupacional (TO) é um profissional muito importante durante o processo de tratamento da pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA), onde prioriza medidas de prevenção com base no desenvolvimento de projetos terapêuticos específicos que são aplicados de acordo com a necessidade de cada indivíduo. A Terapia Ocupacional Infantil busca trabalhar três principais áreas: Atividades de Vida Diária (AVDs), atividades relacionadas a escola (trabalho escolar) e atividades relacionadas ao brincar, sendo este último o principal recurso utilizado pelo TO. O principal objetivo do TO é ajudar a criança com TEA a se tornar mais independente e assim, contribuir para a melhora da sua qualidade de vida (CREFITO, 2020).

A definição sobre o termo autismo passou por diversas mudanças durante anos, e nos dias de hoje ela é definida pelo manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-V), como transtorno do espectro autista (TEA) sendo

classificado sob diferentes perspectivas como, por exemplo, a da psicanálise, a da psiquiatria e a psicoeducacional. De acordo com a Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10 (Organização Mundial de Saúde [OMS], 1993), o autismo é classificado na categoria dos transtornos invasivos do neurodesenvolvimento, o qual prejudica as interações sociais, a comunicação e o comportamento (MACHADO et al., 2015). Desde sua descoberta, o TEA tem suscitado inúmeras discussões e controvérsias em relação ao seu diagnóstico, causas e consequentemente tratamentos adequados (GUEDES, 2015).

O autismo infantil manifesta-se antes da idade de três anos. Caracteriza-se por anormalidades qualitativas nas três áreas seguintes: interação social, comunicação e comportamento, que é restrito e repetitivo (OMS, 1993). O comprometimento do sujeito com TEA pode ocorrer em três níveis de gravidade, que é definido pelo grau de necessidade do indivíduo (APA, 2014). Tendo em vista que quanto mais cedo, maiores as possibilidades de intervenção, que pode ser realizada por diversos profissionais, dentre eles o Terapeuta Ocupacional, que poderá estar atuando junto às crianças e suas famílias para o desenvolvimento deste sujeito e suas atividades de vida diária (STEFFEN et al., 2019).

As raízes e todo o trajeto da Terapia Ocupacional manifestam uma contínua preocupação e percepção da importância da relação terapeuta-cliente para o desenvolvimento do processo terapêutico. Todavia, apesar de existirem diversos trabalhos de investigação a respeito do papel do terapeuta nessa relação, não tem sido tão abordado e estudado a real influência do vínculo, isto é, da relação terapêutica, no êxito das atividades durante o tratamento de Terapia Ocupacional voltado para atender crianças com TEA. É nessa relação, marcada pelo encontro de dois indivíduos singulares, que ocorre a estruturação da prática da Terapia Ocupacional. Daí a importância de empreendermos pesquisas que se dediquem a este fenômeno.

Dessa forma, este estudo tem por objetivo analisar a importância do relacionamento, do vínculo entre terapeuta-paciente, especificamente crianças autistas, durante o tratamento terapêutico. Esperando, com isso, consolidar o olhar da comunidade acadêmica e da classe profissional acerca da importância da relação terapêutica ao longo do processo, visando o favorecimento de uma prática humanizada.

METODOLOGIA

Na realização do presente estudo foi abordada uma Revisão de Literatura, de abordagem qualitativa dos dados. O método objetiva reunir conhecimentos teóricos a respeito do tema selecionado para investigação. Para este desenvolvimento, foram cumpridas as seis etapas recomendadas por Mendes et al. (2008), referentes a: identificação do tema e formulação da questão de pesquisa, estabelecimento dos critérios de inclusão/exclusão, definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados, avaliação dos estudos incluídos, interpretação dos resultados e apresentação/síntese do conhecimento (MENDES et al., 2008). Foi utilizado como método de pesquisa bibliográfica o Estado da Arte, que objetiva:

[...] mapear e discutir certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários (FERREIRA, 2002, p. 258).

A questão norteadora do estudo consistiu em: “Qual a importância do vínculo terapêutico no tratamento de crianças autistas?”, sendo definido para efetivação das buscas as bases de dados Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online – Scielo, o portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, MEDLINE, PubMed, LILACS, bem como consultas diretas nos periódicos: Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional e Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional.

Como descritores, utilizou-se o emprego da combinação dos termos: vínculo e terapia ocupacional (bond and occupational therapy), autismo e terapia ocupacional (autism and occupational therapy), vínculo terapêutico e crianças autistas (therapeutic bond and autistic children).

Os critérios de inclusão adotados foram: a obrigatoriedade de o artigo apresentar a palavra “autismo” ou similares no título e/ou resumo e/ou palavra-chave, explicitar no resumo aspectos de relacionamento vinculados à atuação da terapia ocupacional com crianças autistas (acolhimento, atividades específicas, resultados obtidos, entre outros), a publicação estar em português ou inglês e disponível na íntegra.

Destaca-se que as buscas foram efetivadas na primeira quinzena do mês de

outubro de 2022 por dois examinadores distintos, com tempo estimado de 07 dias entre as buscas. Para sistematização dos dados dos artigos que compuseram a amostra, utilizou-se uma planilha elaborada pelos autores e embasada em consulta literária, a qual envolveu informações sobre título, autor, ano de publicação, objetivo, metodologia e conclusão.

Após leitura detalhada dos artigos, os dados foram estudados por meio de análise de conteúdo temática, a qual envolve a identificação de núcleos de sentidos formulados com base na presença de significados ao objetivo analítico visado (MINAYO, 2007).

RESULTADOS

Inicialmente, encontrou-se 125 artigos, sendo eliminados os que não correspondiam aos critérios de inclusão formulados ($n= 119$), obtendo-se, ao final, uma amostra de 06 artigos. As publicações foram efetivadas entre os anos de 1995 a 2022.

A seguir, encontram-se os resultados desta pesquisa, mediante apresentação na Tabela 1. Estão dispostos os artigos utilizados nesta revisão integrativa de acordo com as variáveis: autores/ano, título, objetivo geral, metodologia e conclusão do estudo.

Tabela 1. Disposição dos artigos selecionados para compor a revisão integrativa

Título do artigo, ano de publicação e autores	Objetivo	Metodologia	Principais resultados encontrados
MATSUKURA, T.S. / 1995/ A aplicabilidade da Terapia Ocupacional no tratamento do autismo infantil	Discutir possíveis contribuições da terapia ocupacional no tratamento do autismo infantil.	Estudo de caso	Através do estabelecimento do vínculo terapêutico e do desenvolvimento da tríade paciente-terapeuta-atividade, processos fundamentais na terapia ocupacional, foi possível estabelecer uma possibilidade adequada e satisfatória para a concretização e de desenvolvimento de contatos por parte da criança autista.
TÁPARO, F. A. GIARDINETTO, A. R. S. B. / 2011/ Avaliação das atividades realizadas em uma instituição de atendimento de crianças e jovens com autismo: contribuições com a implantação de um serviço de terapia ocupacional.	Análise do atendimento realizado com indivíduos autistas em uma instituição e verificação de como a Terapia Ocupacional pode contribuir na atenção voltada aos alunos	Estudo de Caso	Muitos são os recursos e métodos que podem servir aos Terapeutas Ocupacionais na atuação com os indivíduos com autismo. Estes recursos poderão ser selecionados de acordo com o perfil de cada indivíduo e das prioridades de intervenção levantadas pelo

			terapeuta, em conjunto com a família. O estabelecimento da relação terapêutica e a criação do vínculo com os alunos são os primeiros passos para a intervenção.
CORRÊA et al./ 2017 / A importância da Terapia Ocupacional no brincar da criança com autismo.	Analisar os <i>déficits</i> decorrentes do Transtorno Autista em crianças e o papel da Terapia Ocupacional quanto à intervenção por meio do brincar.	Revisão de Literatura	O Terapeuta Ocupacional tem a possibilidade de proporcionar a intervenção direcionada à criança autista por meio da ocupação do brincar que está prejudicada, trabalhando, a partir desse, vários outros aspectos, como atividades básicas e instrumentais da vida diária, contribuindo para que o desenvolvimento da criança seja o melhor possível.
FERNANDES et al./ 2018/ A criança com transtorno do espectro autista (TEA): um estudo de caso da intervenção da Terapia Ocupacional a partir da teoria bioecológica do desenvolvimento humano.	Descrever e analisar o processo de intervenção da Terapia Ocupacional com uma criança com diagnóstico de TEA e sua família, à luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) de Urie Bronfenbrenner.	Estudo de caso, sendo utilizada a metodologia de Inserção Ecológica	Dentre os principais resultados identificou-se que o Terapeuta Ocupacional atua potencializando o desenvolvimento, por meio da interação da criança com objetos e pessoas, do brincar, favorecendo os processos de inclusão social e escolar.
RIBEIRO, C.; PEREIRA, E.Z. /2021/ Estimulação precoce em crianças com TEA: principais benefícios	Verificar a importância da estimulação precoce como um benefício à criança com TEA; investigar as formas de atuação do terapeuta ocupacional durante a estimulação precoce, analisando	Revisão de Literatura	As intervenções precoces possibilitam mais benefícios ao quadro clínico de portadores de TEA, cabendo às equipes a multidisciplinaridade que possa incitar as áreas comprometidas,

	as mudanças observadas nas crianças estimuladas precocemente.		ajustando os estímulos conforme o progresso do portador, considerando o período, a periodicidade e a grandeza do processo intervencional. A Psicologia e a TO são, sem dúvida, uns dos serviços mais solicitados para integrar crianças com diagnóstico de TEA, uma vez que influenciam as rotinas, afora auxiliar os pais na readaptação dos espaços e rotinas, suportando as demandas.
MAPURUNGA et al. /2021 / A atuação do Terapeuta Ocupacional na reabilitação de pessoas com autismo	Analisar as práticas e atuação do profissional de terapia ocupacional na reabilitação de pessoas autistas	Revisão de Literatura	O trabalho do terapeuta ocupacional abrange a reorganização e o estabelecimento de novas conexões sinápticas e a formação de grandes redes neurais. Por fim, as estratégias adaptativas utilizadas durante a reabilitação para paciente com TEA são as intervenções com atividades lúdicas, treino de habilidades sociais em oficinas terapêuticas e intervenções comportamentais intensivas, na qual proporcionam uma melhora significativa nas funções motoras e cognitivas que são fundamentais na vida do paciente.

DISCUSSÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Terapia Ocupacional é a ciência que estuda a atividade humana e a utiliza como recurso terapêutico para prevenir e tratar dificuldades físicas e/ou psicossociais que interfiram no desenvolvimento e na independência do cliente para suas atividades de vida diária, trabalho e lazer. É a arte e a ciência de orientar a participação do indivíduo em atividades selecionadas para restaurar, fortalecer e desenvolver a capacidade, facilitar a aprendizagem das habilidades e funções essenciais para a adaptação e produtividade, diminuir ou corrigir patologias e promover e manter a saúde (BARTALOTTI, 2001). Por princípio, é no processo terapêutico que, por meio do fazer (ato, ações, atividades), o paciente pode reconhecer-se como sujeito que cria, atua, reconhece, organiza e gerencia seu cotidiano concreto.

O uso de atividades no tratamento de desordens psíquicas vem sendo relatado desde muito antes do tratamento moral iniciado por Pinel no século XVIII, muito embora seja a partir de Pinel que o trabalho passou a ser mais consistentemente considerado como “instrumento terapêutico”. Os acontecimentos ocorridos durante os séculos XVIII e XIX, onde a ocupação utilizada como forma de tratamento do doente mental foi divulgada e aplicada em ampla escala, embora precedidos de quase um século até o surgimento da profissão, foi de fundamental importância para o desenvolvimento da Terapia Ocupacional (MATSUKURA, 1995).

A intervenção da terapia ocupacional com crianças que apresentam distúrbios emocionais segue juntamente com o desenvolvimento da psiquiatria infantil. De forma a relatar a atuação do Terapeuta Ocupacional em psiquiatria infantil em diversos países da Europa e América do Norte, Sholle Martin & Alessi (1990), afirmam que a terapia ocupacional na psiquiatria infantil foi identificada como uma especialidade emergente.

Desde sua descoberta, o transtorno de espectro autista (TEA) tem suscitado inúmeras discussões e controvérsias em relação ao seu diagnóstico, causas e consequentemente tratamentos adequados (GUEDES, 2015). Nessa direção, existem distintas abordagens e formas de intervenção voltadas às crianças com TEA como, por exemplo, a integração sensorial e análise do comportamento aplicada, sendo o Terapeuta Ocupacional um dos profissionais envolvidos no cuidado a essa população. Por isso, a Terapia Ocupacional, sendo uma profissão intimamente relacionada com

a funcionalidade dos indivíduos, está presente como uma forma de intervenção que vem sendo utilizada no tratamento do autismo infantil (TÁPARO e GIARDINETTO, 2011).

Crianças com o diagnóstico de TEA apresentam uma figura clínica relativamente única, por isso, abordagens inovadoras para o tratamento são necessárias, destacando as abordagens desenvolvimental, de comportamento ocupacional, integrativo-sensorial, aquisicional, biomecânico, reabilitativo e, psicanalíticos, muito utilizados por Terapeutas Ocupacionais no tratamento do autismo infantil (MAPURUNGA et al. 2021).

Em toda história da Terapia Ocupacional é reforçado e enfatizado o papel e o proveito da relação terapêutica em suas práticas. Se resgatarmos, numa perspectiva histórica, as reflexões e práticas da Terapia Ocupacional, se observa um crescente interesse na relação terapêutica.

Diferente de outras atividades profissionais, na Terapia Ocupacional a relação terapêutica é constituída pela tríade paciente-terapeuta-atividade. Esta última tem o potencial de através do fazer, trazer elementos do mundo interno para o mundo externo, sendo um meio de comunicação. Assim, para o desenvolvimento da dinâmica relacional é preciso que haja interação entre os elementos da tríade (BENETTON, 1994). A interação entre eles favorecerá a troca de conhecimentos entre o saber do paciente e o saber profissional.

“A utilização de atividades implica uma dinâmica particular entre a tríade, onde em alguns momentos a atividade funciona como elo entre o Terapeuta e o paciente, em outros, o Terapeuta Ocupacional que serve de elo entre o indivíduo e a atividade” (FERNANDES, 1988, p.31).

Na mesma linha de pensamento, Hagedorn (2007) indica-nos que o terapeuta ocupacional, o cliente e as atividades, numa interação, formam a relação terapêutica no processo terapêutico, tomando lugar de supremacia no contexto da Terapia Ocupacional. “Em Terapia Ocupacional, a relação é normalmente uma parceria entre o profissional e o indivíduo, desenvolve-se gradualmente quando esse indivíduo procura a assistência do profissional para promover a exploração conjunta de algum problema que esteja afetando a sua vida” (p. 133).

A intervenção da Terapia Ocupacional considera a relação terapêutica e as atividades utilizadas como instrumento terapêutico, fundamentais no processo de tratamento. Um dos motivos que justificam tal consideração está no fato de que, através da comunicação que se estabelece e nível da linguagem do concreto (ação e expressão), e através do vínculo estabelecido com a criança, pode-se chegar a uma compreensão e intervenção na dinâmica do processo vivido pelo paciente. Além disso, a Terapia

Ocupacional não se utiliza somente de pré requisitos básicos necessários em outros tipos de práticas psicoterápicas, requisitos estes que, geralmente, o paciente autista não apresenta, como por exemplo a capacidade de abstração, o contato convencional com a realidade externa, a expressão verbal, entre outras (MATSUKURA, 1995, p.11).

Por isso, a atividade pode ser entendida como um agente transformador do cotidiano, capaz de expandir a comunicação, o empoderamento através do crescimento pessoal, autonomia e interação social (CASTRO, 2000). Nesse sentido, “as atividades podem ser recurso para a expressão não verbal de impulsos e fantasias, diminuição do embotamento afetivo, promoção da aprendizagem e eliminação de sintomas” (ISIDORO, 2000, *apud* LIMA et al., 2013, p. 246).

Não existe tratamento para cura do autismo. Dependendo da idade, da cognição, da linguagem e de outros diversos sintomas, diferentes tratamentos podem trazer respostas diferentes para cada indivíduo (TÁPARO e GIARDINETTO, 2011). O tratamento é multidisciplinar, sendo o Terapeuta Ocupacional um dos profissionais aptos a intervir nessas crianças, por meio do brincar e de outras abordagens, a fim de possibilitar a elas uma melhor interação e desenvolvimento (CORRÊA et al., 2017).

As intervenções adotadas em crianças com TEA incluem diversos profissionais, entre eles o Terapeuta Ocupacional, o qual exerce uma importante função ao longo do tratamento, reduzindo a agressividade, aumentando a autonomia nas Atividades da Vida Diária (AVDs), na melhora da comunicação e interação social, bem como nas orientações para a família e os cuidadores. Como a Terapia Ocupacional favorece o desempenho ocupacional, centra-se nas habilidades próprias de sua idade, permitindo mediante o brincar, uma intervenção clínica não apenas para a terapêutica referente ao seu quadro, mas também mostra um cunho promocional, prevenindo sintomas psíquicos complicadores do desenvolvimento infantil (RIBEIRO e PEREIRA, 2021, p.4).

Contando com uma bagagem de vários e diversos modelos teóricos e abordagens para intervenções na área infantil, a Terapia Ocupacional pode intervir na criança autista trabalhando para a diminuição dos *deficit* sensoriais, ofertando atividades que podem ser realizadas em casa ou na escola (onde a criança tem maior interação com outras crianças, o que favorece o brincar), como a estimulação sensorial por meio de diferentes texturas, e orientando as pessoas que a cercam a não tocá-la nem por trás nem de forma inesperada, evitando assim a desorganização diante de situações de difícil enfrentamento para a criança. Também é de competência do Terapeuta Ocupacional intervir na estruturação da rotina diária da criança para que se evitem mudanças repentinas e se preserve o comportamento esperado, comunicando-a antecipadamente da mudança que está por vir (CAMARGOS, 2005 *apud* CORRÊA et al., 2017). Estes profissionais propõem-se a auxiliar na introdução,

favorecendo melhorias nas habilidades, para que indivíduos com TEA possam chegar a sua independência (GONÇALVES et al. 2019 *apud* MAPURUNGA et al. 2021).

O estudo de Matsukura (1995), que aborda a terapia ocupacional no TEA, identifica a integração sensorial como umas das abordagens mais utilizadas. Porém, ressalta que independentemente da abordagem utilizada é fundamental refletir sobre as dificuldades e demandas de cada indivíduo para que se possa pensar em um projeto terapêutico que respeite as singularidades de cada um. Nesta direção, o estudo de Minatel (2013), realizado com diferentes grupos etários de autistas e suas famílias, afirma que apesar das diferentes abordagens e intervenções, o terapeuta ocupacional deve oferecer ao indivíduo melhores condições de desenvolvimento, autonomia e inclusão social.

Compreender o indivíduo em sua totalidade, considerando e valorizando suas potencialidades e experiências já vividas, buscando superar as limitações e restrições que este distúrbio pode trazer deve ser uma característica fundamental na atuação do Terapeuta Ocupacional (BRUNELLO, 2007). A formação de grupos terapêuticos também deve ser promovida, por meio de atividades lúdicas, por exemplo. Esse tipo de atendimento, que prioriza o contato com o outro, permite troca de vivências, crescimento e autonomia entre os indivíduos com autismo (TÁPARO e GIARDINETTO, 2011).

De acordo com Fonseca et al. (2018), em suas ações o TO é comprometido com o propósito de promover a independência e a autonomia do sujeito nas diversas atividades do dia a dia, nos diferentes ambientes, buscando alcançar saúde, bem-estar e participação nas situações da vida, por meio do envolvimento em ocupações.

Táparo e Giardinetto (2011) afirmam:

A Terapia Ocupacional, profissão intimamente ligada à funcionalidade e à individualidade do ser humano, é recomendada para intervir em crianças autistas por poder oferecer um tratamento holístico. Atuando com o público infantil, ela tem como recurso principal o brincar, que favorece o desenvolvimento da criança em todas as suas esferas: física, emocional, social, relacional e cognitiva. Ainda nesse mesmo estudo, os autores colocam a intervenção como uma proposta para crianças com autismo por meio de três bases: a primeira é a criação do vínculo terapêutico; a segunda é o estabelecimento dos limites e *settings* que serão utilizados pela criança e pelo terapeuta; e a terceira é a busca pela afinidade na relação terapeuta-paciente, para que se criem e fortaleçam as possibilidades do brincar.

Atualmente defende-se na Terapia Ocupacional que a relação terapeuta-cliente é particular, individual e única. Tal como Castro (2007) descreve:

“O trabalho terapêutico ocupacional oferece uma oportunidade ímpar para que esse processo ocorra, experiências vinculares anteriores do cliente

poderão ser dinamizadas pela presença e pelas intervenções do terapeuta. A observação atenta, a experiência do olhar, o olhar o rosto, o contato, a escuta, complementada com atenção, acolhimento e presença, configuram campos de ações entre cliente e terapeutas” (p. 30).

O vínculo também se materializa através da voz, pois quem está em contato com o outro se comunica por meio de palavras, ressaltando que nesse processo os sustentos das palavras fortalecem o vínculo. Portanto, o vínculo é antes de tudo, uma característica da espécie humana, uma realidade feita de emoções com origem inconsciente e consciente. O que faz o vínculo entre dois ou mais seres humanos são os alicerces de uma presença que se une e se liga ao outro e se dá entre a singularidade de dois sujeitos. A aceitação do vínculo é fundamental para constituir uma relação social íntima nas nossas sociedades atuais. (ZYGOURIS, 2002 *apud* OLIVEIRA, 2013).

O autor Pichon-Rivière (2007) prevê que à medida que se trabalha a construção de vínculo dos profissionais de saúde nas relações terapeuta-paciente evita-se a redução da prática à aplicação de métodos e técnicas que visem à doença. A terapia proporciona um leque de sensações e emoções responsáveis pela criação de um ambiente que seja possível o enfrentamento das angústias e adversidades que o paciente traz consigo em sua história, permitindo, assim, o aparecimento da subjetividade do paciente em questão. O profissional deve ir ao encontro do conhecimento do mundo do cliente para pautar sua prática humanizada.

O atendimento de crianças com autismo ocorre a partir da construção de uma relação primordial com o terapeuta. É importante que a criança possa fazer-se ouvir, fazer-se ver, para que, então, possam ser realizadas as construções que deveriam ter acontecido nos primeiros anos de vida (MAPURUNGA et al. 2021).

O estabelecimento de um vínculo, de uma relação terapêutica talvez seja o passo mais dificultoso a ser dado, e também o mais básico para o desenvolvimento do tratamento da criança autista em um processo de Terapia Ocupacional. Pelas próprias dificuldades apresentadas por estas crianças, inerentes ao quadro que apresentam, este é o caminho a ser perseguido tanto para a possibilidade do tratamento em si, como pelo ganho de um grande primeiro passo de sucesso obtido entre a criança e o terapeuta. E nesse sentido, as sessões de Terapia Ocupacional têm um caráter de reconhecimento recíproco do nível e da forma que a criança é capaz de se mostrar, seja através da rotina que se estabelece, os materiais que explora, o contato que realiza ou não com o terapeuta etc. A título de exemplo, poderíamos citar que os materiais/atividades que a criança pode se interessar e que provavelmente favorecem o estabelecimento do vínculo, variam desde os mais comuns, como papel, água...até objetos da própria sala (como piso, janela etc.), ou apenas do próprio corpo, como os sons, alguns ritmos, movimentos corporais. Existe também a possibilidade, mesmo que rara, de

interesses iniciais já voltados para materiais/atividades mais elaborados, como por exemplo jogos de encaixe, quebra-cabeças, entre outros (MATSUKURA, 1995, p.32).

Crianças com TEA também apresentam dificuldades na recepção, modulação, integração e organização dos sentidos, o que irá interferir diretamente na habilidade da criança de interagir com pessoas e objetos, resultando em dificuldades no desenvolvimento de atividades lúdicas, ocasionando diminuição da capacidade de planejar e executar atividades motoras e cognitivas e má organização do comportamento (FERNANDES et al., 2018). Para Corrêa et al. (2017), a Terapia Ocupacional pode intervir na criança autista trabalhando para a diminuição dos déficits sensoriais, ofertando atividades que podem ser realizadas em casa ou na escola, como a estimulação sensorial por meio de diferentes texturas, e orientando as pessoas que estão em contato com a criança.

Um ponto importante a ser observado pelo Terapeuta, refere-se a busca de qualquer aproximação ou possibilidade de uma situação de “brincar”. Esse processo permite não só o desenvolvimento e/ou aparecimento de diferentes habilidades da criança, como também possibilita um processo de comunicação, vínculo entre a criança autista e o terapeuta, rumo a simbolização e a abstração, com a possibilidade de ultrapassarem as barreiras de um mundo isolado e não habitado por outros (MATSUKURA, 1995, p.33).

A criança autista tem um desconhecimento da prática do brincar, do imaginário e de práticas lúdicas, o que acaba deixando ainda mais comprometido seu desenvolvimento. Mesmo participando de brincadeiras, ela ainda tem um pouco de receio dessa interação, não porque quer, mas porque ainda não consegue amadurecer ideias de socialização (BAGAROLLO et al., 2013 *apud* CORRÊA et al., 2017).

É por meio das brincadeiras de faz-de-conta, simbólicas e/ou fantasiosas que a criança atribui valor diferente aos objetos, pessoas ou relações que ela possui, sendo, pois o brincar essencialmente um meio socializador. Nesse contexto, identifica-se a importância do trabalho do Terapeuta Ocupacional utilizando o brincar de forma a potencializar algumas habilidades como a imitação, a funcionalidade dos objetos e o simbólico (FERNANDES & MATSUKURA, 2016 *apud* FERNANDES et al., 2018).

Assim, uma das estratégias utilizadas pela Terapia Ocupacional para acolher e trabalhar as demandas de crianças com TEA pode ser o brincar como recurso que permite acessar as dificuldades do usuário e que possibilita a ampliação do seu

repertório de atividades e dos processos proximais (FERNANDES et al., 2018).

Para a criança autista, o brincar possibilita o aprendizado em experiências corporais diferenciadas, nas quais a criança pode descobrir suas limitações e potencialidades, e ainda outras possibilidades para o brinquedo (SÁ et al., 2013 *apud* CORRÊA et al., 2017).

O brincar é uma das áreas que mais influenciam o desenvolvimento das crianças, é um importante fator de proteção para a infância e favorece positivamente o desenvolvimento e aprimoramento de diversos aspectos, como esquema corporal, lateralidade, coordenação motora global e fina, orientação espacial e temporal e ritmo (FONSÊCA; SILVA, 2015). Essa é a principal atividade de qualquer criança e contribui de forma significativa para os relacionamentos que ela estabelece na sociedade, possibilitando variadas formas de interações livres e independentes. Essas importantes interações a tornam apta a aprender valores para a sua vida, como regras, responsabilidades, resoluções de conflitos e negociações, que serão também essenciais para sua vida adulta (BICALHO, 2013). Além disso, o brincar é uma atividade fundamental para o desenvolvimento em várias áreas e permite o envolvimento da criança em um mundo ilusório e a transição entre o pensamento e o que é real, auxiliando um maior autocontrole da criança (KLINGER; SOUZA, 2015).

O Terapeuta Ocupacional, por estudar o fazer, pode ser capaz de avaliar a brincadeira, e a partir de suas observações delinear intervenções e melhorar as habilidades cognitivas e motoras da criança. Uma vez que a criança pode exibir quadros específicos de suas condições patológicas, a estimulação adequada pode permitir melhoras em seu quadro, aumentando sua autonomia e convívio social, o que pode auxiliá-la em diversos outros aspectos da vida. Afora isso, o terapeuta ocupacional também atua em prevenir certos quadros psíquicos que poderiam atrapalhar o desenvolvimento da criança. Quando a criança tem um diagnóstico específico, a abordagem terapêutica pode auxiliar na motorização, comunicação e inclusão, e quando explorada precocemente, alcança resultados no desenvolvimento global da criança, maximizando suas potencialidades (RIBEIRO e PEREIRA, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas e a atuação do profissional de terapia ocupacional na reabilitação de pessoas autistas ocorrem a partir de intervenções, com o intuito de aprimorar o desempenho ocupacional em todas as áreas de vida, com o enfoque na demanda principal do paciente, atuando diretamente nas áreas que as crianças e jovens com autismo apresentam a tríade de comprometimentos. Questões primordiais, no que diz respeito à interação social, comunicação, repertório de comportamentos e interesses, independência nas atividades básicas e instrumentais de vida diária, inclusão escolar e social, dentre outras precisam ser trabalhadas.

Muitos são as atividades e materiais que podem servir aos terapeutas ocupacionais na atuação com os indivíduos com autismo. E estes deverão ser selecionados de acordo com o perfil de cada indivíduo e das prioridades de intervenção levantadas pelo terapeuta, em conjunto com a família. O estabelecimento da relação terapêutica e a criação do vínculo com as crianças são os primeiros passos para se ter êxito na intervenção.

O foco dessa revisão foi uma pesquisa criteriosa do que está sendo produzido e publicado na literatura acerca da prática e estudos de terapeutas ocupacionais junto a crianças com autismo. Os resultados encontrados sugerem que as publicações sobre a temática estão em crescimento. Portanto, aponta-se para a necessidade de continuidade de esforços no sentido de sistematizar e pesquisar sobre a temática que envolve os processos da terapia ocupacional no autismo e para importância da divulgação científica para o fortalecimento da área e das reflexões e debates acerca das ações e perspectivas da terapia ocupacional neste campo.

REFERÊNCIAS

- APA – ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BAGAROLLO, M. F.; RIBEIRO, V. V.; PANHOCA, I. O brincar de uma criança autista sob a ótica da perspectiva histórico-cultural. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 19, n. 1, p. 107-120, 2013. Disponível em: <<https://doaj.org/article/fffe0e588c8e474cad194ef5fc7ab412>>. Acesso em: 18 out. 2022.
- BENETTON, M.J. A Terapia Ocupacional como instrumento nas ações de saúde mental. Campinas: UNICAMP. Tese de Doutorado – PPG em Saúde Mental, Campinas, 1994. 189p.
- BICALHO, C. W. C. Brincadeiras infantis e suas implicações na construção de identidades de gênero. *Revista Médica de Minas Gerais*, v. 23, n. 2, p. 41-49, 2013. Disponível em: <<http://rmmg.org/artigo/detalhes/117>>. Acesso em: 18 out. 2022.
- BRUNELLO, M. I. B. Transtorno emocional infantil. In: CAVALCANTI, A. E GALVÃO, C. (Org.). *Terapia ocupacional: fundamentação & prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007, p. 309-313.
- CAMARGOS JR., W. et al. *Transtornos invasivos do desenvolvimento*: 3º Milênio. Brasília: CORDE, 2005.
- CASTRO, E.D. (2007). Relação Terapeuta-Paciente. In: Cavalcante; Galvão; *Terapia Ocupacional: fundamentação e prática*. Editora Guanabara Koogen. Rio de Janeiro, p. 30.
- CUNHA, A.M.T.R., ROCHA S.M.C., GOLDFEDER, M., & LEVISKY, R.B. (2009) A psicanálise das configurações vinculares e a terapia familiar. Osório, L.C.; Valle, M.E.P. & col. **Manual de Terapia Familiar**, 119-138. Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- FERNANDES, A.D.S.A; SANTOS, J.F.; MORATO G.G. A criança com transtorno do espectro autista (TEA): um estudo de caso da intervenção da Terapia Ocupacional a partir da teoria bioecológica do desenvolvimento humano. **Revista Terapia Ocupacional**. Univ São Paulo. 2018 maio-ago.;29(2):187-94.
- FERNANDES, S.R. Reflexões sobre a Terapia Ocupacional, o uso de atividades e a psicose. **Boletim de Psiquiatria de São Paulo**. Vol.21, n.1/2, p.31-32, jan/dez 1988.
- FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.
- FONSÊCA, M. E. D.; SILVA, A. C. D. Concepções e o uso do brincar na prática clínica de terapeutas ocupacionais. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 23, n. 3, p. 589-597, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v14n3/a07v14n3.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2022.
- GUEDES, NPS, TADA, I.N.C. A produção científica brasileira sobre autismo na psicologia e na educação. **Psicol Teor Pesq**. 2015;31(2):303-9. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-37722015032188303309>.
- HAGEDORN, R. (2007). Ferramentas e prática - Terapia ocupacional - uma abordagem estruturada aos conhecimentos e processos centrais. Brasil: Roca; p. 133, 134.

KLINGER, E. F.; SOUZA, A. P. R. Análise clínica do brincar de crianças do espectro autista. **Revista Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 15-25, 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/17872>>. Acesso em: 18 out. 2022.

LIMA, M. F. A.; Elizabeth; OKUMA, E. G.; PASTORE, M. D. N. Atividade, ação, fazer e ocupação: a discussão dos termos na Terapia Ocupacional brasileira. **Cad. Ter. Ocup.** UFSCar, v. 21, n. 2, 2013.

MAPURUNGA, B.A.; MENDES, A.L.R.; SILVEIRA, V.B.; CORREIA, F.O.; CARVALHO, A.F.M. A atuação do Terapeuta Ocupacional na reabilitação de pessoas com autismo. **Rev. De Casos e Consultoria**, v.12, n.1, 2021. ISSN2237-7417

MATSUKURA, T.S. **A aplicabilidade da Terapia Ocupacional no tratamento do autismo infantil** [Dissertação]. Ribeirão Preto: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo; 1995.

MENDES, K. D. S., SILVEIRA, R. C. C. P., & GALVÃO, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 17(4), 758-764. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>

MINATEL, M.M. **Cotidiano, demandas e apoio social de famílias de crianças e adolescentes com autismo** [Dissertação]. São Carlos: Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos; 2013.

MINAYO, M.C.S. (2007). *O desafio do conhecimento* São Paulo: HUCITEC.

OLIVEIRA, G.I. A Relação Terapeuta-Cliente: na perspectiva do cliente. Dissertação de Terapia Ocupacional. Escola Superior de Tecnologia da Saúde do Porto, 2013.

PICHON-RIVIÈRE, E. (2007). **Teoria do vínculo** (7ª ed.). São Paulo: Martins Fontes, p. 17.

RIBEIRO, C.; PEREIRA, E.Z. Estimulação precoce em crianças com TEA: principais benefícios. Curso de Psicologia, Unisociesc – 2021.

STEFFEN, B. F. *et al.* Diagnóstico precoce de autismo: uma revisão literária. **Revista saúde multidisciplinar**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 1-6, 2019